Medicina Veterinária

AVALIAÇÃO ULTRASSONOGRÁFICA RENAL E HEPÁTICA EM CÃES COM LEPTOSPIROSE PERTENCENTES A UM ABRIGO NO MUNICÍPIO DE LAVRAS - MG

Ana Beatriz Barion Souza - Acadêmica do 09º período de Medicina Veterinária - DMV/UFLA – ana.souza@estudante.ufla.br

Sérgio de Melo Novais - Médico Veterinário Mestrando na área de Diagnóstico por Imagem - DMV/UFLA – lucasmpiersanti@gmail.com

Lucas Magalhães Piersanti - Médico Veterinário Residente em Diagnóstico por Imagem - DMV/UFLA – lucasmpiersanti@gmail.com

Anna Cecília Trolesi Reis Borges Costa - Médica Veterinária Mestranda na área de Sanidade Animal e Saúde Coletiva – DMV/UFLA – anninha_veterinaria@hotmail.com

Raisa Abreu Bragança Colocho - Médica Veterinária Mestranda na área de Epidemiologia das Doenças Infecciosas – DSA/UFLA Capes -raisabraganca@uahoo.com.br

Antônio Carlos Cunha Lacreta Junior - Professor Adjunto, Setor de Diagnóstico por Imagem - UFLA/DMV – lacreta@dmv.ufla.br - Orientador(a)

Resumo

A leptospirose é uma zoonose causada por Leptospira spp. Sua ocorrência é mais preocupante em países tropicais em função da maior frequência de chuvas e alagamentos, e devido a condições ambientais precárias. A urina contaminada de roedores e cães é a principal fonte de infecção da leptospirose para o homem. Os cães que convivem aglomerados em canis são mais propensos a se tornarem infectados, pois encontram-se em contato direto e frequente com a urina potencialmente contaminada de outros animais doentes. Nesse contexto, foi realizado um estudo sobre a prevalência da doença no Parque Francisco de Assis (PFA), um abrigo de cães localizado em Lavras – MG. No total, 660 animais foram identificados individualmente e submetidos a exame físico, coleta de sangue e de urina por meio de cistocentese, que foram utilizados para realização de sorologia e PCR. Dentre os 329 animais avaliados na 01º coleta, 07 deles apresentaram-se positivos no teste de aglutinação microscópica (MAT), evidenciando que já haviam entrado em contato com o agente infeccioso e, portanto, possuíam anticorpos para a doença. Porém, nenhum dos 660 animais avaliados nas duas coletas mostrou-se positivo no PCR, o que impediu que a avaliação ultrassonográfica das possíveis alterações renais e hepáticas fosse realizada. Dessa forma, pode-se afirmar que há uma baixa prevalência da doença nesse local, que pode ser explicada pela implementação de um eficiente controle de roedores e de rigorosas medidas higiênico sanitárias. Ademais, é realizada anualmente a vacinação de todos os cães. Deve-se atentar, também, para o fato de que a eliminação da Leptospira na urina dos animais infectados ocorre de forma intermitente, e o período em que as coletas foram realizadas pode ter sido insuficiente para a detecção de leptospiúria. Outros estudos envolvendo a ultrassonografia e o diagnóstico de leptospirose em cães já foram desenvolvidos e citam anormalidades renais como pielectasia, nefromegalia e aumento de ecogenicidade do córtex renal como alterações típicas de cães doentes. Portanto, pode-se concluir que a ultrassonografia é de extrema importância para o diagnóstico precoce da leptospirose canina, mesmo que os achados sejam inespecíficos. Essa modalidade de diagnóstico por imagem deve estar sempre correlacionada aos demais dados clínicos, epidemiológicos e laboratoriais, permitindo, assim, o estabelecimento de medidas terapêuticas de controle e auxiliando na orientação da conduta clínica para aquele paciente.

Palavras-Chave: leptospirose , zoonose, diagnóstico.
Instituição de Fomento: Universidade Federal de Lavras

Link do pitch: https://youtu.be/5ChcOorn6Ig